

Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 1, n. 5, 2025

••• ARTIGO 6

Data de Aceite: 06/11/2025

A DEUSA ATENA E A DUPLA FACE DO MITO: UM OLHAR PSICANALÍTICO¹

Katia Daniela Murara

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Psicologia, Maringá-PR.

<http://lattes.cnpq.br/4597299173326997>

Paulo José da Costa

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo; professor aposentado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Psicologia, Maringá-PR.

<https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

¹ O presente texto é uma versão modificada do Relatório Final vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq-FA-UEM, desenvolvido pela primeira autora e orientado pelo segundo autor, junto ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as múltiplas características atribuídas à deusa Atena, da mitologia grega, em busca de possíveis correlações com aspectos do funcionamento psíquico. Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico, por meio do qual nos debruçamos sobre algumas das narrativas referentes à Atena, em especial na *Ilíada* e na *Odisseia*, de Homero. Concluímos que a deusa apresenta características que, tomadas como modelo, servem para se pensar sobre a dinâmica dialética do aparelho psíquico, em seus múltiplos processos, princípios, instâncias e defesas.

Palavras-chave: Atena; Mitologia grega; Psicanálise.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende contribuir para aprofundar as discussões acerca da interface entre a psicanálise e a mitologia grega, tomando como objeto de estudo algumas narrativas sobre a deusa Atena, concebendo que tal mito, com suas múltiplas facetas, pode ser tomado como modelo para se pensar aspectos do funcionamento psíquico. Para tanto, se faz necessário inicialmente compreender a importância dos mitos, assim como conhecer um pouco

acerca dessa deusa no contexto da mitologia grega.

O mito é antes de tudo uma narrativa oral, sendo que, na língua grega antiga, a palavra *mythos* significava ouvir palavras. Ou seja, o mito se refere a escutar histórias que se sucederam em um tempo não determinável, tendo a narrativa oral se desdobrado posteriormente na escrita e na encenação, com destaque para as tragédias, que eram apresentadas em teatros (Migliavacca, 2002).

Existem várias versões e interpretações dos mitos, sendo que, através dessas histórias, é possível compreender cada sociedade em sua própria época, assim como sua função no psiquismo humano. Todavia, para compreendê-los é necessário considerar o espaço social, cultural e mental em que surgiram (Migliavacca, 2002). Essas histórias míticas, transmitidas principalmente pela oralidade e só depois pela escrita, simbolizam a elaboração mental que os homens de uma determinada sociedade fizeram das questões humanas, acerca dos fenômenos vividos e nem sempre compreendidos, tendo uma função explicativa e esclarecedora (Migliavacca, 2002).

De acordo com Migliavacca (2002), os mitos expressam as fantasias do ser humano e neles se encontram realizados os desejos mais secretos da imaginação. Suas histórias geralmente englobam deuses e heróis, suas paixões e o surgimento do universo. O herói estaria na esfera intermediária entre o mundo dos deuses e o dos homens, mantendo estreitas relações com ambos, pois um dos seus genitores é um dos deuses e o outro é um mortal. Geralmente nas narrativas em que aparece é o centro da atenção e sofre, no decorrer da história, grandes mudanças de caráter. Uma das característi-

cas desse personagem é a grandeza com que enfrenta o destino que lhe coube, matando seres mitológicos e arriscando a própria vida. Representa o sofrimento inserido no processo humano e os desafios para enfrentar situações da realidade.

Vale destacar que os deuses e os heróis, assim como outros seres míticos, passam por modificações e transformações, de acordo com a evolução da sociedade que os criou e, desse modo, suas histórias representam como o ser humano percebe a si mesmo, suas motivações e angústias, e servem como orientação diante da vida e do mundo. Por isso, do ponto de vista psicanalítico, os mitos expressam características do psiquismo humano que transcendem as limitações temporais, históricas, geográficas etc., de tal modo que representam para o ser humano de todos os tempos o que os sonhos são para o indivíduo (Freud, 1969, 1980; Migliavacca, 2002; Rank, 1961).

Migliavacca (2002) enfatiza que os mitos sempre tiveram grande importância na constituição das sociedades e das culturas. No caso da mitologia grega, é notável como eles expressaram as profundas transformações na cultura grega, inclusive no que se refere à constituição da noção da individualidade e singularidade humanas, próprias da época. Conforme o ser humano amplia a sua capacidade de pensar sobre suas experiências, os mitos vão perdendo força, devido ao predomínio da razão para tratar das mesmas questões que os mitos tratavam por outro vértice. Mas nunca desaparece completamente, por estarem instalados na mente e na crença de cada indivíduo, determinando, mesmo indiretamente, o modo de viver de cada pessoa.

É evidente a influência dos mitos no processo de constituição da humanidade,

de modo que a psicanálise faz uso de alguns deles para exemplificar e até construir conceitos acerca de fenômenos que ocorrem no psiquismo humano, destacando-se nas proposições freudianas os mitos de Édipo e de Narciso, além de outros.

Após expor brevemente a importância do mito para a humanidade e a mitologia como recurso para a teoria psicanalítica, contaremos a história da deusa Atena, uma entre os doze deuses olímpicos. Ressaltamos que na mitologia grega, além desses, existiam muitas outras divindades, que não traremos aqui por não fazer parte do nosso propósito, mas nos referiremos a algumas delas quando se fizer necessário. Retomando sobre os doze deuses olímpicos, eles eram: Zeus, Hera, Atena, Poséidon, Ares, Apolo, Dioniso, Ártemis, Hefesto, Afrodite, Hermes e Hades. Eles viviam no Olimpo, exceto Hades que habitava no mundo inferior, e se alimentavam de néctar e ambrósia. Constantemente assumiam formas humanas, vindo ao mundo mortal, para nele interferir, inclusive mantinham relações sexuais com humanos.

Métis foi a primeira esposa de Zeus e quando engravidou, Urano e Gaia revelaram que ela teria uma menina e mais tarde um menino, o qual destronaria o pai, assim como ele havia feito com Crono. Seguindo o conselho de Gaia ou de Hera, dependendo da versão, Zeus engoliu M étis ainda grávida de Atena, para evitar que outro filho viesse ao mundo e lhe tirasse o poder. Após o tempo de uma gestação, Zeus começou a sentir fortes dores na cabeça e, não sabendo do que se tratava, ordenou que Hefesto lhe abrisse o crânio com um machado, para verificar o que estava causando tamanha dor. Ao abrir a cabeça de Zeus, saltou de dentro dela a deusa Atena, já adulta e armada com uma lança

e a égide, dançando uma dança de guerra denominada pírrica (Brandão, 1987a).

Uma de suas primeiras batalhas foi na luta contra os Gigantes. Estes foram gerados por Gaia, com o intuído de vingar os Titãs que haviam sido aprisionados nas profundezas do Tártaro por Zeus. Inicialmente somente Zeus e Atena lutariam armados com o raio, a égide e a lança. Contudo, os Gigantes só poderiam ser mortos com o trabalho mútuo de um deus e um herói/mortal. Assim Héracles, armado com flechas, e Dioniso, armado com um tirso e tochas, passaram a fazer parte do combate. Em seguida outros deuses também entraram na luta (Brandão, 1986).

Na *Ilíada* (Homero, 2014a), Atena aparece envolvida na Guerra de Tróia, sendo responsável por incitar os gregos contra os troianos, misturando-se ao exército e profissionalizando gritos de guerra. Também colaborou com a morte de Heitor, inspirou a criação do Cavalo de Tróia e, desse modo, favoreceu a vitória dos gregos (Kury, 2009). Na *Odisseia* (Homero, 2014b), a deusa faz expressivas aparições durante toda a narrativa. Foi a protetora de Ulisses (ou Odisseu, conforme outras traduções) em sua longa e perigosa viagem de volta para casa, ajudando-o a enfrentar os inúmeros desafios. Quando finalmente Ulisses chega ao seu destino, Ítaca, Atena continuou protegendo-o, contribuindo para o desenlace favorável ao seu protegido (Brandão, 1986).

Atena também ajudou e apiedou-se de Perdix, sobrinho e aprendiz de Dédalo, que foi jogado pelo tio do alto da Acrópole de Atenas para morrer, transformando-o em um pássaro, o Perdiz (Kury, 2009). Outro herói protegido pela deusa foi Perseu. Tendo recebido a impossível missão de trazer a cabeça da Medusa ao tirano Polidectes, Perseu

(Kury, 2009) recebeu a ajuda de Atena, mas também de outros deuses, através de conselhos fundamentais à realização da missão, bem como emprestou-lhe o seu escudo de bronze, polido como um espelho, que utilizou para refletir a cabeça da mais poderosa das Górgonas. Assim, através de seu reflexo, decapitou-a. Posteriormente, a cabeça decapitada foi fixada pela deusa na frente de seu escudo e desse modo transformava em pedra todos que ousavam desafiá-la (Brandão, 1987b).

Além de Atena ter ajudado Perseu na missão que culminou na morte de Medusa, a deusa já havia castigado ela em outra ocasião. Medusa era uma jovem lindíssima e muito orgulhosa de sua cabeleira, tendo o atrevimento de competir sua beleza com a de Atena. Como punição, a deusa transformou sua linda cabeleira em serpentes e assim a tornou uma Górgona. Outra versão relata que Atena a puniu porque Poséidon raptou Medusa e a violentou dentro do templo da deusa (Brandão, 1986). O fato é que Medusa não foi a única a ser punida por Atena. É o caso de Ismene, filha de Édipo e Jocasta, que foi morta por Tideu, instigado pela deusa. Sua ira se estendeu também aAjax Menor, na ocasião da tomada de Tróia, em função dele ter violentado Cassandra, filha do rei Príamo, dentro do templo de Atena, onde havia se refugiado. Como punição, a deusa causou a morte de Ajax Menor em pleno mar, quando ele retornava à pátria (Kury, 2009).

Atena optou pela virgindade, mas isso não impediu que despertasse a tentação em outros deuses. Tanto que Hefesto, apaixonando pela deusa, tentou violentá-la; e no ardor de sua paixão deixou cair seu sêmen nas coxas dela, que rapidamente limpou-se e jogou a secreção no chão, mas acabou fecundando

Gaia (Porto; Correia, 2013), gerando Erictonio, considerado filho de Atena e Hefesto.

Ainda sobre as punições infligidas pela deusa, conta-se que Ilo venceu os jogos organizados pelo rei da Frígia, tendo recebido por isso um grande prêmio. Entretanto, um oráculo aconselhou o rei a dar uma vaca ao vencedor e mandou que este a seguisse, até ela parar, onde deveria fundar uma cidade. Feito isso, Ilo fundou a cidade de Ilion. Após algum tempo, ele pediu a Zeus que confirmasse a escolha do local, com um indício. Certo dia, ao sair de sua tenda, se deparou com o Paládio que caíra dos céus: uma estátua com cerca de 1,50 m de altura, segurando na mão direita uma lança e na esquerda uma roca e um fuso. Logo Ilo se deu conta que se tratava da deusa Atena. Imediatamente ele mandou construir um templo para abrigá-la. Contudo, ele acabou sendo cego pela divindade por ter desvelado a estátua, cuja contemplação era vedada aos mortais (Kury, 2009). É importante ressaltar que Palas é um dos epítetos da deusa, do qual advém o termo Paládio. Em outra versão, o Paládio seria a estátua que Atena havia criado em homenagem a uma amiga, chamada Palas. As duas estavam brincando com armas, quando se desentenderam e Palas foi ferida mortalmente. A deusa se arrependeu e, em homenagem à amiga, construiu a estátua, cobrindo-a com a égide. Em seguida a colocou no Olimpo para que fosse reverenciada, até o dia em que Zeus, furioso, arremessou a estátua dos céus, vindo a cair no templo que Ilo construía para Atena (Kury, 2009).

Além de ser uma divindade guerreira, Atena é considerada a deusa da inteligência, da razão, do equilíbrio, do espírito criativo, presidindo as artes, a música, a literatura, a filosofia, a vida especulativa, mentora do

estado, protetora das crianças, guardiã das acrópoles das cidades e de toda atividade ligada ao espírito (Brandão, 1987a). É grande conselheira do povo, estando ligada às mulheres desde a criação de Pandora, visto que auxiliou Afrodite e Hefesto na confecção da primeira mulher, a quem concedeu as habilidades manuais, o talento para o artesanato e para a arte com o tear (Porto; Correia, 2013). Foi precisamente a arte e o bordado que fez Atena punir uma de suas grandes rivais, Aracne, uma bela jovem da Lídia que bordava com grande precisão e suas obras eram contempladas até pelas ninfas dos bosques. Mas, a ousadia de Aracne a fez desafiar Atena para uma competição pública. A deusa aceitou o desafio e, ao avaliar o trabalho de sua rival, não encontrou defeito. Irritada por se ver igualada a uma simples mortal, Atena transformou Aracne em uma aranha para que ela tcesse pelo resto de sua vida (Brandão, 1987a).

Segundo Porto e Correia (2013), na maioria das vezes em relação às mulheres, Atena é protetora, conselheira e inspiradora, sempre lhes dotando de sabedoria para as atividades manuais. Sua característica de proteção se estende também aos homens, como pode ser observado na proteção de diversos heróis, como Ulisses, Héracles e Telêmaco. Atena, além de proteger os mortais, era igualmente patrona de algumas cidades, como Atenas, por exemplo, onde acontecia as Panateneias, a maior e mais solene festa oferecida à deusa, uma celebração anual em que a cidade inteira participava, envolvendo banquetes, jogos, procissões e sacrifícios (Brandão, 1986, 1987a). Além disso, não há dúvida sobre a importância de Atena na mitologia grega, inclusive sendo a mais importante de toda a prole de Zeus (Brandão, 1986, 1987a), cuja grandiosidade é

demonstrada pela ordem na qual seu nome costuma ser citado, logo após os nomes de Zeus e Hera, sendo isso uma indicação de seu status mítico e de sua posição familiar (Porto; Correia, 2013).

Atena é uma deusa plural, que se modificou ao longo do tempo para se adequar às características da sociedade da época, auxiliando tanto homens e mulheres. Deusa da fecundidade, da vitória, da sabedoria e da guerra, congrega diversos atributos com a predominância de um, dependendo de cada ocasião, mas nunca deixam de coexistir todos em uma só deusa, simbolizando mais que tudo a criação psíquica, a síntese por reflexão e a inteligência socializada (Brandão, 1987a). Com essa configuração, pensamos que a deusa Atena pode ser tomada como objeto de estudo pelo vértice psicanalítico, em busca de contribuições para a investigação do psiquismo humano. Pareceu-nos possível pensar o mito da deusa Atena, em suas múltiplas facetas, enquanto um modelo para a expressão de aspectos do funcionamento mental e tendo uma função na organização do psiquismo. Partindo dessas reflexões, estabelecemos como objetivo no presente estudo analisar as múltiplas características atribuídas à deusa Atena em busca de possíveis correlações com aspectos do funcionamento psíquico.

ALGUNS ELEMENTOS NORTEADORES

Certamente que não pretendemos esgotar o assunto e, portanto, o trataremos através de alguns recortes selecionados, que julgamos mais convenientes aos nossos propósitos, tendo em vista que se trata de um trabalho de cunho exploratório e bibliográfico. Portanto, os trechos escolhidos da *Ilíada* (Homero, 2014a) e da *Odisseia* (Ho-

mero, 2014b) basearam-se apenas na conveniência de parecerem mais facilitadores para a análise.

É preciso destacar que o presente trabalho segue a perspectiva indicada por Migliavacca (2002), de que é possível apreender da narrativa mítica modelos de funcionamento mental e de comportamento humano, além de aspectos que desempenhem uma função na organização do psiquismo. Assim, pressupomos que o entrar em contato com o saber mítico, como modelo e função na estruturação do psiquismo, é uma forma de procurar encontrar elementos invariantes e atemporais da mente humana, que podem contribuir para a compreensão do homem de todos os tempos.

Nessa perspectiva, considerando o que os mitos e suas narrativas contemplam e deles pode ser extraído, Vernant (1990) afirma que:

O homem grego, bastante afastado de nós para que seja possível estudá-lo como um objeto, e como um objeto diverso, ao qual não se aplicam exatamente as nossas categorias psicológicas de hoje, é, entretanto, bastante próximo para que possamos sem muitos obstáculos entrar em comunicação com ele, compreender a linguagem que fala em suas obras, atingir, além dos textos e documentos, os conteúdos mentais, as formas de pensamento e de sensibilidade, os modos de organização do querer e dos atos, em resumo, uma arquitetura do espírito (Vernant, 1990, p. 16-17).

Desse modo, podemos pensar que os mitos, assim como os sonhos, os sintomas, os atos falhos etc., são expressões do inconsciente e, portanto, podem ser explicitados em seus múltiplos sentidos (Martínez, 2009), sem se prender a um único sentido, mas a muitas possibilidades que podem surgir a cada nova leitura do mito. A esse propósito, Versiani (2008) acrescenta que:

[...] o campo mitológico permite uma apreensão de um princípio fundamental: a não excludência de elementos opostos. Essa noção permite uma aproximação com a dialética da vida psíquica proposta pela psicanálise. O visível e o invisível ficam vetorizados nos mitos e algo inacessível e incomunicável pode aparecer (Versiani, 2008, p. 3).

É com essa concepção exposta que nos debruçamos para estudar o mito em pauta, tendo como base o referencial teórico freudiano e kleiniano. Portanto, a estratégia foi entrar em contato com o material com uma postura aberta, quase de atenção flutuante para “ouvir” o que emergia das leituras. Pensamos que isso permitiu levantar aspectos que, de início, pareciam apenas elementos dispersos, por vezes até contraditórios. Mas que, com leituras sucessivas e a colocação desses elementos à prova com a confrontação com o referencial teórico, foi possível identificar algumas diretrizes na tentativa de responder ao propósito deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados e discutidos foram selecionados da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero (2014a, 2014b), que nos permitiram analisar algumas das múltiplas características atribuídas à deusa Atena e as possíveis correlações com aspectos do funcionamento psíquico de acordo com a teoria psicanalítica.

Logo no primeiro canto da *Ilíada* (Homero, 2014a) é possível relacionar comportamentos e características da deusa Atena que podem ser tomados como modelo para se pensar em aspectos relacionados ao princípio da realidade e aos mecanismos egóicos, por exemplo:

A ele respondeu a deusa,
Atena de olhos esverdeados:
“Vim para refrear a tua fúria
(no caso de me obedeceres)
do céu: mandou-me a deusa
Hera de alvos braços, pois a
ambos ela estima e protege
no seu coração. Mas desiste
agora do conflito e não tires
a espada com a mão. Com
palavras o podes injuriar,
como de fato acontecerá. Pois
isto te direi, coisa que haverá
de se cumprir: no futuro três
vezes mais gloriosas oferendas
te serão trazidas, por causa
da insolêncio dele. Refreia-
te e obedece-nos”.

(Homero, 2014a, p. 116-117).

Nesse trecho, a deusa Atena vem atenuar a fúria e os impulsos de Aquiles, pois o herói estava prestes a lutar e matar Agamêmnon, em função deste ter retirado uma don-

zela que havia sido dada como prêmio ao maior dos guerreiros aqueus. Mas, ao refreá-lo, disse que, caso se acalmasse, teria muito mais glória no futuro, isto é, ele poderia ser capaz de adiar sua satisfação momentânea, para a obtenção de um ganho posterior que levasse em conta a realidade. Desse modo, podemos considerar que Atena representa para Aquiles uma função semelhante ao ego e seus mecanismos que foram descritos por Freud (2010a), isto é, de contenção do impulso, de mediação entre o desejo e a realidade, assim como a possibilidade de, ao postergar sua satisfação imediata, poderia se beneficiar adiando a satisfação. Na cena, mostra também que é possível algo equivalente a uma descarga parcial, pois, mediante a palavra, era possível injuriar o inimigo e postergar a obtenção de prazer, o que parece de algum modo favorecer o princípio da realidade e os processos secundários para lidar com a situação intensamente emocional, cujos impulsos exigiam descarga imediata.

Outros trechos ainda destacam essa postura de Atena, que evidencia a importância de se estar atento ao que se faz, de mediação entre os desejos e a realidade externa, de ponderação e mediação entre os vários elementos postos em cena, como se fosse possível pensar aqui numa aproximação com as funções egóicas. Um desses trechos, por exemplo, trata-se de quando Diomedes roubava os Trácios e, maravilhado com o prazer de conseguir adentrar em território inimigo sem ser reconhecido, pensava se roubava o carro com as armas ou se tiraria a vida de mais guerreiros trácios. Enquanto ele se debatia na sua dúvida do que deveria fazer, Atena aproximou-se e disse:

Lembra-te do regresso, ó filho do magnânimo Tideu, para as côncavas naus, para que não corras em fuga, de modo a que acaso outro deus não desperte os Troianos! (Homero, 2014a, p. 332).

Imediatamente Diomedes reconheceu a voz da deusa e montou nos cavalos, junto com Ulisses, a caminho do acampamento aqueu. Essa situação também ajuda a pensar que a intervenção de Atena possibilita que algo se modifique em Diomedes, e, num paralelo, comparar com a possibilidade de que tal modificação seja semelhante ao que ocorre quando predomina no funcionamento psíquico o processo secundário e o princípio de realidade. Nesse sentido, não somente seria possível renunciar à satisfação imediata, adiando o prazer, mas amplia a capacidade para pensar.

Outro excerto que ilustra essas características da deusa é quando ela acalma Ares e impede que ele desobedeça a Zeus, ao querer vingar a morte do filho Ascálafo, que havia morrido em combate:

Então teria surgido maior e mais funesta raiva e cólera da parte de Zeus em relação aos deuses imortais, se extremamente receosa pelos deuses Atena se não tivesse precipitado pela porta, deixando o trono onde sentara; e tirou-lhe o elmo da cabeça e o escudo dos ombros; e tirou-lhe da mão possante a lança de bronze e com palavras repreendeu Ares furioso:

“Demente, de espírito insano, vais te perder! Em vão tens ouvidos para ouvir e perdeste o juízo e a vergonha! Não ouviste o que disse a deusa, Hera dos alvos braços, ela que acaba de chegar de junto de Zeus Olímpio? Será que queres tu próprio encher-te de dores incontáveis, e à força regressares ao Olimpo ainda que acabrunhado, enquanto para todos os outros semeias enorme desgraça? Pois de imediato Zeus deixará altivos Troianos e Aqueus e virá para o Olimpo com o intuito de nos pôr em alvoroço, castigando tanto o que tem culpa como aquele que não tem. Por isso te digo que abandones a ira por causa do teu filho. Já outro muito melhor que ele na força e nas mãos morreu ou morrerá ainda: pois é difícil preservar a linhagem e a geração de todos os homens”. Assim dizendo, sentou no trono Ares furioso.

(Homero, 2014a, p. 434-435).

Ares é o deus da guerra e da impulsividade, representando a personificação da violência em combate pelo puro prazer de assim o ser. Na situação descrita, Atena o faz refrear, pois sabe que se Zeus fosse contrariado poderia punir todos os deuses, o que causaria uma verdadeira desgraça. Podemos considerar que, por meio do pensar, Atena conseguiu demonstrar a existência de uma outra forma de funcionamento, diferente daquele que é próprio de Ares, de pura des-

carga, de prazer e, assim, evitar uma consequência funesta, o desprazer, como no caso da situação citada. Torna-se possível, então, a partir desse outro modo de funcionamento apresentado por Atena, não somente um novo tipo de mediação entre as forças internas intensas que impulsionam o desejo, mas de tornar aceitável a tolerância de certo nível de tensão.

Embora a deusa Atena tenha como uma de suas prerrogativas a sabedoria, o co-medimento e expresse a importância da mediação, como já discutido, há momentos em que essa postura parece estar a serviço de um outro lado contrário. Para tanto, indicamos alguns excertos a seguir.

Excerto 1:

Em certo momento da Guerra de Tróia, quando Atena e Hera avistaram Afrodite ferida, tentaram provocar Zeus com palavras mordazes, e quem primeiro tomou a palavra foi a filha de Zeus:

Zeus pai, encolerizar-te-ás em relação àquilo que eu disser?
Na verdade Cípris tem estado a incentivar uma das mulheres Aqueias a seguir os Troianos, a quem ela tanto estima; e ao acariciar uma dessas Aqueias de belos vestidos, na dourada pregadeira arranhou Afrodite sua mão delicada.

(Homero, 2014a, p. 215).

Zeus sorriu ao ouvir as palavras da filha e, chamando Afrodite, assim lhe disse:

Excerto 2:

A ti, querida filha, não te são dados os esforços guerreiros; ocupa-te antes com os esforços do desejo no casamento: que estas coisas digam respeito ao célebre Ares e a Atena.

(Homero, 2014a, p. 215).

Atena e Diomedes subiram no carro em direção à batalha, com a deusa no comando das rédeas. Palas Atena colocou na cabeça o gorro de Hades para que Ares não a visse e, quando o deus da guerra avistou Diomedes, foi direto ao seu encontro. Segundo Homero (2014a), assim se sucedeu a batalha:

Quando estavam já perto, avançando um contra o outro, Ares arremeteu por cima do jugo e das rédeas dos cavalos com a lança de bronze, desejoso de o privar da vida. Com sua mão segurou a lança Atena de olhos esverdeados, e atirou-a por cima do carro para seguir seu vão caminho. Em seguida arremeteu Diomedes, excelente em auxílio, com a lança de bronze; e apressou-a Palas Atena até ao baixo-ventre, onde o cingia uma cinta protetora. Foi aí que o atingiu e feriu, rasgando a linda pele; de novo retirou a lança. Urrou então o brônzeo Ares, como urram nove mil

ou dez mil homens na guerra, que se juntam no conflito de Ares. E um tremor dominou os Aqueus e os Troianos aterrados, de tal forma urrou Ares que da guerra não se sacia.

(Homero, 2014a, p. 230).

Depressa Ares foi para a sede dos deuses. Lá, mostrou o seu sangue imortal e lamentou-se com Zeus, dizendo:

Zeus pai, não te enfureces ao veres tais façanhas? [...] Contigo estamos todos em conflito, pois geraste a virgem desvairada e funesta, que atos injustos sempre intenta. É que todos os outros, que são deuses no Olimpo, te obedecem; e a ti estamos, cada um de nós, sujeitos. Porém a ela não queres ligar, nem por palavras nem atos, mas dás-lhes incentivo, porque tu próprio geraste tal filha maligna.

(Homero, 2014a, p. 231).

Excerto 3:

Em outro momento, ao terminar seu discurso, Ares investiu contra a égide de Atena, que recuou e atirou um pedregulho, atingindo o pescoço do deus, fazendo com que ele caísse por terra. Orgulhosa, Atena disse a Ares, que gemia de dor:

Estulto! Ainda não percebeste que muito mais forte declaro eu ser, conquanto procures igualar a minha força.

Assim saciarás completamente as Erínias de tua mãe, que furiosa contra ti congregina danos, porque abandonaste os Aqueus e prestas auxílio aos presunçosos Troianos.

(Homero, 2014, p. 590).

Ali Palas Atena deixou o deus prostrado na terra. Mas, Hera ordenou que Atena impedisse que Afrodite retirasse Ares da batalha. Assim descreve Homero (2014a, p. 590):

Chegou junto de Afrodite e com a mão firme a esmurrou nos peitos. Logo ali se lhe deslassaram os joelhos e o coração. Jazeram pois ambos na terra provedora de dons E Atena, ufana, dirigiu-lhes palavras aladas: “Prouverá que assim jazessem todos os adjuvantes dos Troianos ao combaterem contra os Aqueus couraçados, assim descarados e audazes, tal como Afrodite veio auxiliar Ares, desafiando a minha força. Há muito teríamos nós acabado com a guerra, tendo saqueado a cidade bem habitada de Ílion”.

Nos três excertos citados, Atena, mesmo sendo a deusa da sabedoria, do ceticismo e da mediação, se deixa levar pela

agressividade e pelo impulso, atingindo propositalmente dois deuses. No primeiro trecho foi Atena quem ordenou a um dos heróis aqueus que ferisse Afrodite e depois ainda mentiu para Zeus sobre como a deusa do amor havia se ferido, pois sabia que seu pai não a puniria. No segundo, favorece que a lança de Diomedes atinja Ares e, no terceiro trecho, não permite que Afrodite ajude o deus da guerra, agredindo-a. Acrescenta-se aqui a acusação de Ares, de que Atena é “[...] a virgem desvairada e funesta, que atos injustos sempre intenta” (Homero, 2014a, p. 231). Mesmo se dando um desconto de que tais adjetivos venham da boca de Ares e num momento em que foi por ela ferido, bem como as diferenças entre ambas as divindades, é de se pensar que a deusa Atena também tem um lado em que a agressividade, os impulsos e o imediatismo se expressem com veemência, como exemplificados nesses trechos selecionados. E o que chama a atenção, partindo dessas observações, é a impressão de que Atena, ao funcionar por esse lado oposto às suas prerrogativas de sabedoria, equilíbrio e justiça, ainda assim as evidências parecem sugerir que componentes daquilo que a tornam sábia, justa e ponderada são utilizados pelo lado contrário para atingir seus fins, como nos excertos citados anteriormente.

Essas reações observadas a partir do relato épico de Homero (2014a), nos fazem associá-las à ambivalência que permeia o funcionamento psíquico e as relações, entre amor e ódio, aproximação e afastamento, afirmação e negação (Freud, 2010a, 2011a). Também podemos pensar nas oscilações entre os processos primário e secundário do funcionamento mental. Parece plausível, por exemplo, se considerar que Atena, em outro momento, protegeu Ares da fúria de Zeus ao acalmá-lo para não ir para a bata-

lha, e no excerto 2 ela mesma o fere com violência, indicando uma oscilação em movimentos opostos. Essa polarização também nos faz pensar, além da ambivalência, na rivalidade, nos ciúmes e nas disputas que são frequentes nas relações fraternas, conforme destaca Klein (1996). Nesse caso, Ares e Atena são irmãos e tem ainda a condição de que a deusa é a filha preferida do pai, Zeus.

Partindo dessas considerações, é importante salientar que, mesmo tendo apresentado características impulsivas, agressivas, não medindo esforços para conseguir o que quer, Atena parece não o fazer apenas por vivenciar um dos lados da ambivalência, da dualidade, mas o faz utilizando recursos do lado contrário para atingir seus fins, como dito anteriormente. É como se o lado sábio, ponderado, evidenciado pela sua capacidade estratégica, cedesse de empréstimo recursos para que a deusa, num momento em que o lado destrutivo predomina, pudesse alcançar seus propósitos. Em paralelo, isso nos fez lembrar da afirmação freudiana de que muitas vezes o ego se submete aos desejos do id e o princípio da realidade coloca-se a serviço do princípio do prazer (Freud, 2010b), pois na presente situação não se trataria de pura e simples descarga, mas que, com o intuito de evitar o desprazer, os componentes agressivos são colocados a serviço de Eros.

Outro ponto que merece destaque é a vinculação de Atena aos Aqueus, cujo objetivo era vencer e saquear Ílion (Troia), destruindo-a. Para que isso fosse atingido, a deusa sempre defendeu os heróis aqueus, sempre os estimulando a não desistirem da batalha. Tal relação pode ser ilustrada nos seguintes trechos:

Excerto 4:

Os reis cuidavam da organização dos exércitos aqueus e entre eles seguia Palas Atena:

Excerto 5:

[...] e com eles ia Atena de olhos esverdeados, segurando a égide – veneranda, imarcescível, imortal, de que pendiam cem borlas inteiramente feitas de ouro, todas bem forjadas [...].

Com ela se lançava, faiscante, pela hoste dos Aqueus, incitando-os a avançar. No peito de cada um lançava no coração a força inquebrantável para guerrear e combater.

Então lhes pareceu a guerra mais doce do que regressar nas côncavas naus para a amada terra pátria.

(Homero, 2014a, p. 147).

Acompanhando os guerreiros aqueus, incitava-os “[...] a gloriosíssima Tritogênia, que avançava pelo meio da turba quando os via desistir” (Homero, 2014a, p. 198).

[...] ninguém entraria de ânimo leve no combate, ninguém que sem ter sido atingido ou ferido pelo bronze afiado circulasse ali

no meio e fosse levado pela mão por Palas Atena, por ela protegido do arremesso de projéteis.

(Homero, 2014a, p. 199).

Excerto 6:

Diomedes fez uma prece a Atena para que ela concedesse que ele matasse o filho de Licáon. Imediatamente a deusa o ouviu, tornando seus membros mais leves, e disse-lhe:

Tem coragem, ó Diomedes, e luta contra os Troianos!

No teu peito eu coloquei a força de pai – a força inquebrantável que tinha Tideu, cavaleiro portador do escudo. E tirei dos teus olhos a bruma que lá pairava, para que conheças bem quem é deus e quem é homem. Por isso se vier ao teu encontro algum deus para te testar, não combatas de modo algum contra os outros deuses imortais, a não ser que Afrodite, filha de Zeus, entre na refrega: a ela poderás ferir com o bronze afiado.

(Homero, 2014a, p. 204).

Assim, quando Diomedes atirou a espada, Atena a guiou até que acertou Pândaro, tirando-lhe a vida.

Excerto 7:

Do lado argivo, Atena gritava ora na muralha e ora na praia; do lado inimigo, Ares gritava entre os combatentes. Enquanto os deuses disputavam entre si, Aquiles seguia atrás de Heitor. Porém, Apolo incitou Eneias contra Aquiles e insuflou nele grande força. Mas ao lado de Aquiles ia Atena, colocando sua luz em frente ao seu protegido e estimulando-o matar com a lança os troianos (Homero, 2014a).

Os quatro excertos citados (4, 5, 6 e 7) ilustram como a deusa Atena se vinculava aos aqueus e como se relacionava com eles, buscando favorecer que o objetivo comum de vencer e saquear Tróia fosse alcançado, defendendo, protegendo, instigando os guerreiros gregos a irem em frente, a não desistirem, a terem forças para o combate. Atena acompanhava e liderava de perto os seus combatentes, auxiliava na organização e até mesmo enfrentava e combatia outros deuses que se opunham ao objetivo comum dela e dos argivos. Ao mesmo tempo, os gregos contavam com a ajuda dela. Portanto, é possível pensar em uma ligação recíproca entre Atena e os combatentes gregos, inimigos dos troianos, deixando transparecer no relato homérico a existência de algo afetivo importante em comum que os ligavam em torno do mesmo propósito.

O modo como aparece essa vinculação nos fez lembrar de uma afirmação freudiana acerca da identificação. Segundo Freud (2011b), além do tipo de identificação pelo laço emocional, há um tipo que surge pela percepção de algo em comum entre pessoas que não seja objeto dos instintos sexuais. Nessa forma de identificação, quanto mais forte for esse algo em comum, mais bem-sucedida será a identificação que dará início a uma nova ligação. A ligação recíproca dos

indivíduos em uma massa, voltada para o mesmo objetivo, é da natureza desse tipo de identificação; isto é, a partir de algo afetivo importante em comum que se faz presente entre os membros e que se constitui também compartilhado na figura e na ligação dos membros com o líder. Essa relação entre Atena e os heróis gregos também evidencia elementos que podem ser pensados através dos sentimentos sociais que derivam da formação do ideal do ego. Na concepção freudiana, são sentimentos, comum a muitas pessoas, que repousam nas identificações de umas com as outras por possuírem um ideal de ego muito semelhante (Freud, 2011a).

Continuando a tentativa de explorar outras possibilidades de compreensão acerca das manifestações da deusa Atena, destacam-se os seguintes trechos:

Excerto 8:

Pândaro atirou uma flecha contra Menelau, com o intuito de matá-lo.

[...] ante de mais a filha de Zeus que conduz as hostes, que se postou junto de ti e desviou a flecha pontiaguda. Desviou-a da pele, do mesmo modo que uma mãe afasta uma mosca do filho deitado sob o efeito do sono suave; e ela própria guiou a seta até o ponto onde as douradas pregadeiras do cinto e o colete duplo se sobreponham.

(Homero, 2014a, p. 183-184).

Desse modo, através da proteção de Palas Atena, a flecha, embora tenha atingido

Menelau, não o matou, sendo ferido apenas superficialmente.

Excerto 9:

Enquanto Ulisses nadava protegido pela deusa, Pôseidon remexia o mar, buscando o naufrago. Foi quando Atena resolveu intervir e impediu o caminho dos outros ventos, ordenando a todos que cessassem. Fez soprar apenas o Bóreas para que as ondas levassem Ulisses até a terra, salvando-o da morte. Assim, durante duas noites e dois dias o herói foi levado pelas ondas, e no terceiro dia conseguiu chegar à terra firme (Homero, 2014b).

Excerto 10:

Atena forjou um denso nevoeiro em torno de Ulisses, para que ninguém o reconhecesse. Quando ele acordou, devido à névoa, tudo lhe parecia estranho de modo que, entre lágrimas, acreditou estar na cidade errada. Então a filha de Zeus, se assemelhando a um pastor de ovelhas, aproximou-se dele, dizendo-lhe que se tratava de Ítaca. Ele, sem reconhecer a deusa, mentiu que os Fenícios lhe trouxeram até ali, abandonando-o com os seus despojos, pois gostaria de ter ido a Pilos. De acordo com Homero (2014b, p. 343-344):

[...] sorriu Atena, a deusa de olhos esverdeados, acariciando-o com a mão; transformou-se numa mulher alta e bela, conhecedora dos mais gloriosos trabalhos. E falando dirigiu-lhe palavras aladas: “Interesseiro e ladrão seria aquele que te superasse em todos os dolos, mesmo que um deus viesse a teu

encontro! Homem teimoso, de variado pensamento, urdidor de enganos: nem na tua pátria estás disposto a abdicar dos dolos e dos discursos mentirosos, que no fundo te são queridos. Mas não falemos mais destas coisas, pois ambos somos versados em enganos: tu és de todos os mortais o melhor em conselho e em palavras; dos imortais, sou eu a mais famosa em argúcia proveitosa. Mas tu não reconheceste Palas Atena, a filha de Zeus – eu que sempre em todos os trabalhos estou ao teu lado e por ti velo. Até por todos os Feácios te fiz bem-querido. Agora vim até aqui para contigo tecer um plano astucioso; para ocultar os tesouros, que te deram os excelentes Feácios por minha vontade e deliberação quando para casa regressaste; e para te falar dos males requeridos pelo destino, que terás de sofrer no teu bem construído palácio; mas é forçoso que os sofras, e nada digas a nenhum homem ou mulher: que tendo vagueado aqui voltaste; mas em silêncio deverás sofrer muitas dores e submeter-te à violência dos homens”.

(Homero, 2014b, p. 343-344).

Exerto 11:

Posteriormente, Ulisses disse à deusa que é difícil para todo mortal reconhecê-la, pois a tudo ela se assemelha. Também reconheceu que muitas outras vezes ela o auxiliou em Troia, mas que no percurso pelo mar pouco lhe ajudou. Desse modo lhe respondeu Atena:

No teu peito está sempre algum pensamento: por isso não consigo deixar-te na tua tristeza, porque és facundo, arguto e prudente. Com que facilidade outro homem, regressando depois de ter andado perdido, se teria precipitado para o palácio, para ver mulher e filho! Mas tu não desejas saber nem inquirir, antes de teres sondado a tua mulher, que tal como dantes permanece sentada no teu palácio; e lamentosos se lhe definham os dias e as noites, enquanto derrama lágrimas.

Da minha parte nunca duvidei disto, mas no coração sabia que regressarias, tendo perdido todos os companheiros.

Mas não quis lutar contra Poséidon, irmão de meu pai, que contra ti armou o coração, encolerizado porque o querido filho lhe cegaste.

Agora mostrar-te-ei esta terra,
Ítaca, para que acredites.

(Homero, 2014b, p. 344-345).

Excerto 12:

No canto XX, enquanto Ulisses pensava como mataria todos aqueles homens que vilipendiavam o seu lar, sendo um contra muitos, Atena se aproximou dele e disse:

Por que estás acordado, ó homem perseguido pelo destino? Aqui tens a tua casa, aqui tens a mulher e o filho: um rapaz que qualquer um quereria ter como filho.

[...] Homem duro! Outro confaria em amigo mais fraco, um que é mortal e não é dotado de muitas ideias.

Mas eu sou uma deusa, que sempre por ti mantendo vigília em todos os teus trabalhos. Agora dir-te-ei isto: se cinquenta exércitos de homens mortais estivessem contra nós, desejosos de nos matar em combate, mesmo assim lhes levarias os bois e os rebanhos robustos. Entregate agora ao sono. É coisa desagradável passar toda uma noite sem dormir. Estás prestes a sair do sofrimento.

(Homero, 2014b, p. 464).

Na sequência, Ulisses dorme e a deusa regressa ao Olimpo.

Excerto 13:

Agelau incitou todos os pretendentes de Penélope a atirarem, ao mesmo tempo, suas lanças contra Ulisses: “Mas Atena fez que tudo fosse em vão” (Homero, 2014b, p. 502). Em seguida, Ulisses incitou seus companheiros a dispararem contra os inimigos e cada lança matou um homem do outro lado da sala em que estavam se enfrentando. “Então de novo atiraram os pretendentes as suas lanças com afinco, mas Atena fez com que quase todas fossem vãs” (Homero, 2014b, p. 502).

Excerto 14:

Ulisses e Telêmaco, investiram contra os guerreiros e a todos teriam matado se Atena não intervisse, dizendo: “Desisti agora todos da guerra, ó homens de Ítaca, para que sem derrame de sangue vos separeis” (Homero, 2014b, p. 542). A todos dominou o terror e, em pânico, correram para a cidade a fim de salvar suas vidas. Ulisses soltou um grito e correu atrás deles, mas Zeus arremessou um relâmpago à frente de Atena. Então ela disse a Ulisses: “Filho de Laertes, criado por Zeus, Ulisses de mil ardis! Retém a tua mão e para com o conflito desta guerra, para que contra ti não se encolerize Zeus, filho de Crono” (Homero, 2014b, p. 542). O herói a obedeceu. Atena, assumindo um disfarce, impôs juramentos válidos para o futuro de ambas as partes e, desse modo, estabeleceu a paz entre os moradores de Ítaca (Homero, 2014b).

Em todos os excertos citados é possível notar que há um movimento de Atena em relação aos heróis, nos quais o que se mani-

festa é o cuidado, a proteção, a compreensão, o ideal comum, e quase como se houvesse uma comunhão, particularmente com Ulisses, a quem tanto defende e protege. Tal relação, pela intensidade com que aparece no relato homérico, suscita-nos a ideia de que entre eles há algo que os constitui como se assimilassem, de algum modo, aspectos ou componentes que compartilham agora entre si. Tanto que isso fica mais explícito no excerto 10, quando Atena afirma ao herói: “tu és de todos os mortais o melhor em conselho e em palavras; dos imortais, sou eu a mais famosa em argúcia proveitosa” (Homero, 2014b, p. 343). Em termos psicanalíticos, poder-se-ia pensar em um processo de identificação que se evidencia pelo reconhecimento dos atributos comuns, como comentado anteriormente.

Além disso, destaca-se novamente a proteção dispensada pela deusa aos heróis, inclusive, em certo momento, fica evidenciado um componente maternal nesse cuidado com seus protegidos. Tanto que, no excerto 8, é referido pelo poeta que Atena desviou a flecha certeira destinada a Menelau, enfatiza que a deusa o fez “[...] do mesmo modo que uma mãe afasta uma mosca do filho deitado sob o efeito do sono suave” (Homero, 2014a, p. 183). Portanto, é possível supor a evidência de um componente amoroso que se manifesta em vários momentos. Contudo, esse lado amoroso, cuidadoso, ponderado, protetivo, tem a sua contrapartida em termos de manifestação agressiva, destruidora, impulsiva, conforme comentado antes. Tanto que nesse último episódio destacado e se referindo a um componente maternal dirigido a Menelau, seu protegido, é preciso lembrar que a flecha a ele dirigida foi incitada pela própria deusa, com o intuito de criar um motivo para que

a trégua existente entre gregos e troianos naquele momento fosse interrompida, voltando-se aos combates sangrentos.

Nesse contexto, em que é plausível pensar na existência de identificações entre os membros da massa que reúne Atena e os guerreiros gregos, em torno de um ideal comum, da incitação por parte da deusa que estimula os combatentes à luta, mas também a proteção que a eles é despendida, por vezes até com características maternais, suscita, por outro lado, a ideia de que tal devotamento para com os mortais tem como contrapartida a expectativa de que eles a ela se dediquem, através do reconhecimento, do culto e das oferendas. Tal condição sugere ainda uma associação com o comentário de Klein (1996), de que quando nos identificamos com alguém e realizamos sacrifícios por essa pessoa, estamos nos comportando como nossos pais se comportaram conosco, ou como gostaríamos que tivessem se comportado. E ao mesmo tempo que desempenhamos o papel de uma criança boa com os pais, alcançamos por meio da reparação o que não foi possível no passado, auxilia a lidar com as frustrações do passado e a compensar os danos que se fez em fantasia, reparando assim não só o que se sente que fora perdido, mas também a si mesmo em termos da culpa inconsciente.

Nessa associação relatada parecem estar presentes elementos que sugerem uma aproximação com Freud (2010c), tanto quanto a que amamos a nós mesmos através do semelhante, nos identificamos e nos experimentamos por meio do outro, assim como é possível pensar no componente reparatório existente. Mas o que aqui seria essa reparação? Talvez fique mais claro se relembrar do jogo complexo de emoções, de ambivalência, de polarização entre aspec-

tos construtivos e destrutivos, que podem ser inferidos em alguns dos relatos sobre a deusa. Nesse sentido, então é possível pensar que certo devotamento, investimento, cuidado, proteção, estejam relacionados a sentimentos bons e de gratificação para com determinado objeto com que se relate. Mas esse mesmo objeto também é alvo de impulsos agressivos, que muitas vezes são projetados pela fantasia nesse mesmo objeto gratificador (Klein, 1996) e que em algum momento pode-se ter a sensação de que foi destruído. Essa constatação gera medo da perda e culpa pelo ataque efetuado que causou tal estrago, despertando a necessidade de compensar os danos realizados em fantasia.

Segundo Klein (1996), todas as relações ao longo da vida desenvolvem-se nesse mesmo padrão, envolvendo sentimento de culpa e necessidades de compensações, visando restaurar o que foi danificado. Assim sendo, os conflitos oriundos dos embates entre as forças amorosas e as destrutivas presentes no psiquismo humano, acarretam o medo da perda do objeto. A possibilidade da perda, por sua vez, bem como a crença da perda por se ter atacado e destruído, desperta sentimento de culpa e de sofrimento. Esses últimos constituem-se, segundo Klein (1996), em novos elementos na emoção do amor, uma vez que a constante interação do amor com o ódio, tanto na mente da criança como na do adulto, ao lado dos impulsos destrutivos despertam uma ânsia de fazer sacrifícios para ajudar a restaurar/reparar as pessoas amadas que foram feridas, atacadas e até destruídas, em fantasia.

Em suma, os impulsos e sentimentos ambivalentes, os conflitos entre amor e ódio, as projeções, os sentimentos de culpa e o medo da morte do objeto amado, permeiam as relações humanas desde o nascimento até

o fim da vida e possibilitam a reparação que é realizada por meio da identificação e da fantasia. Esses mecanismos são fundamentais não somente para os sentimentos de segurança e gratificação, que recebemos ao dar e receber amor, mas também são imprescindíveis para a satisfação das necessidades de autopreservação, pois ao mesmo tempo que reparamos um objeto que fora perdido ou sentido como se tivesse sido destruído, reparamos também a nós mesmos (Klein, 1996).

Outro ponto a ser comentado aqui refere-se à importância que a deusa Atena dá aos valores, às normas e às regras, pois, se assim não fosse, ela não teria a conotação de ser justa. Isso pode ser evidenciado através do excerto 11, no qual Atena diz a Ulisses: “Mas não quis lutar contra Poséidon, irmão de meu pai, que contra ti armou o coração, encolerizado porque o querido filho lhe cegaste” (Homero, 2014b, p. 345). Ou ainda, no excerto 14, quando Ulisses e Telêmaco enfrentam os familiares dos pretendentes de Penélope, mortos por eles, e que a todos teriam matado se Atena não tivesse impedido por um bem maior. Também reconhece a autoridade de Zeus e recomenda a Ulisses que pare com o combate, bem como posteriormente impõe que ambas as partes do conflito façam juramentos que preserve a paz entre os moradores de Ítaca. Seu posicionamento diante dessas situações indica respeito a um certo código moral e de conduta, de respeito à autoridade e de importância dada aos compromissos selados através de juramentos, em suma, à lei.

Nessa perspectiva, é possível correlacionar o que está expresso nessas condutas da deusa com aspectos relacionados às funções superegóicas, em que Atena indica o que pode e o que não pode, o que deve e o

que não deve ser feito, reconhece a autoridade de Zeus e a ela se submete, recomendando o mesmo a Ulisses, impõe limites à expressão do impulso destrutivo mediando a situação pelo estabelecimento de um contrato social que se dá através do juramento entre as partes envolvidas, como uma voz que indica o que é proibido, o que deve ser contido. Portanto, nesse sentido a deusa Atena estaria exercendo o que podemos chamar de uma espécie de voz da consciência, expressando um modelo que funcionamento que se assemelha ao exercício de uma função superegóica, tal como Freud (2011a) valorizou esse aspecto do superego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas acerca da deusa Atena são muito ricas, incluindo expressões com múltiplas possibilidades de análise e interpretação. No caso do presente artigo, partimos do pressuposto de que o mito da deusa Atena, através de suas narrativas, poderia ser tomado como modelo para pensar aspectos do funcionamento mental. Assim, após analisar o material consultado e correlacionar com alguns aspectos da teoria psicanalítica, conforme indicado, podemos conjecturar que Atena, tomada como modelo e em sua função mítica, por vezes apresenta elementos que parecem representar a dinâmica psíquica e a constante interação dialética entre as instâncias do aparelho mental, que em certos momentos prevalecem as funções do ego que visam a totalidade e o controle coextante dos processos mentais.

Em outras circunstâncias, tem-se a expressão de características superegóicas, em suas normas e valores, nas quais Atena mantinha o controle sobre a conduta e o agir dos heróis. Há também a expressão de algo seme-

lhante aos impulsos agressivos provenientes do id e de características que remetem comparativamente ao processo primário e ao princípio do prazer. Além disso, o mecanismo de reparação é possível de ser inferido a partir do modo como se estabelece a relação de Atena com os heróis aqueus, como se fosse um esforço em restaurar e recuperar objetos perdidos, destruídos, danificados, intensificando, como consequência, características maternais e de proteção para com os seus protegidos.

Certamente que o presente trabalho tem os seus limites tendo em vista o recorte utilizado, tanto com relação aos trechos selecionados quanto ao que foi discutido a partir de alguns aspectos teóricos psicanalíticos. Portanto, é possível ampliar futuramente tais estudos, indo além dos trechos que foram indicados no corpo do trabalho e de outros elementos psicanalíticos, visando expandir a análise.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. V. 1.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987a. V. 2.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987b. V. 3.
- FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 149-158. Vol. 9.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vols. 4 e 5.

- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 161-239. Vol. 14.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 108-121. Vol. 10.
- FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 13-50. Vol. 12.
- FREUD, S. O eu e o id. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. p. 13-74. Vol. 16.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. p. 13-113. Vol. 15.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2014a.
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2014b.
- KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 1.
- KURY, M. G. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MARTÍNEZ, V. C. V. (2009). Mito, historicidade e inconsciente. In: TOMANIK, E.; CANIATO, A. M. P.; FACCI, M. (Orgs.). **A constituição do sujeito e a historicidade**. Campinas: Alínea, 2009, p. 221-247.
- MIGLIAVACCA, E. M. O universo dos mitos e a compreensão psicanalítica do ser e estar no mundo. **Mudanças**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 139-150, 1998.
- MIGLIAVACCA, E. M. Dupla face do mito: modelo e função. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 251-262, 2002.
- PORTE, V. C.; CORREIA, L. S. O simbolismo de Atena: o mito sobre o olhar literário de Homero. **Todas as Musas**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 100-112, 2013. Disponível em: https://www.todasmusas.com.br/09Vagner_Larissa.pdf. Acesso em: 08 ago. 2025.
- RANK, O. **Mito del nacimiento del heroe**. Tradução de E. A. Loedel. Buenos Aires: Paidós, 1961.
- VERNANT, J-P. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Tradução de H. Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- VERSIANI, R. N. R. C. **Mito e Psicanálise**. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8422>. Acesso em: 27 jul. 2025.